

– Resenhas –

Uma visão epicurista, um projeto libertário

ONFRAY, Michel (2010): *Potência de existir – Manifesto hedonista*. São Paulo: Martins Fontes

Theo Soares de Lima

Estudante do Programa de Pós-Graduação em Geografia da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
theo_sl@hotmail.com

Um livro definitivo. Seria possível parar por aqui e ter dito “tudo” sobre o livro de Michel Onfray. Ao mesmo tempo, isso seria a conclusão de quem o leu, significando, portanto, “nada” para o leitor que ainda não folheou esse trabalho filosófico autobiográfico. Tal assertiva, todavia, fica clara ao início do livro, quando Onfray propõe na introdução contar sobre os anos de sua infância/adolescência, quando aos 10 anos foi deixado em um orfanato salesiano. O autor volta a esse momento de sua vida para enfrentá-lo e, mais do que isso, para evidenciar a importância da vida de um filósofo como traço essencial e irremediável de seus escritos.

Todos os escritos anteriores a esse trabalho Onfray (2010) define como “o pretexto de uma trintena de livros para não ter de escrever as páginas que seguem” (p. XIII). A dor de voltar para esses quatro anos (período em que permaneceu no orfanato) é muito grande, diz ele logo em seguida. O

presente livro é dedicado à sua mãe, redescoberta (como diz na epígrafe), não perdoada no sentido cristão, mas compreendida. Assim, abre-se o livro com a consciência de que esse não é apenas mais um dos tantos livros que compõe sua obra, mas o livro que expressa sua maturidade como indivíduo e como intelectual. São fantasmas que já não assombram.

Só crescemos efetivamente oferecendo aos que soltaram os cachorros contra nós, sem saber o que faziam, o gesto de paz necessário a uma vida além do ressentimento – que requer um enorme desperdício de energia. A magnanimidade é uma virtude de adulto (ONFRAY, 2010, p. XXXIV).

Mais do que uma introdução, o que temos no prefácio é o substrato ontológico ao qual devemos estar agarrados para percorrer o pensamento contido nos capítulos subsequentes. É à luz da rispidez e dureza do que sentiu que se deve interpretar as

reflexões apresentadas. Suas propostas de libertação advêm do que sentiu na carne e não de uma filosofia idealista. Expõe, sem meandros, sua postura antiplatônica. Além disso, *A potência de existir – Manifesto hedonista*, é certa costura por entre meio de suas outras obras, todas elas mais temáticas em sentido pontual. Ética, metafísica, política, por exemplo, respectivamente tratadas através de eu, da ateologia e do rebelde. O que emerge aqui é a clareza de seu projeto epistemológico lentamente construído e, finalmente, apresentado em uníssono. O livro é dividido em seis partes, cada uma condizente com um tema que juntos formam a potência de existir visualizada. Tal qual seguem: 1) um método alternativo; 2) uma ética eletiva; 3) uma erótica solar; 4) uma estética cínica; 5) uma bioética prometeica; 6) uma política libertária.

A historiografia dominante é seu primeiro foco, e sua desconstrução está realizada em um projeto de cinco volumes denominado “Contra-história da filosofia”, editada no Brasil pela Martins Fontes. Aqui ele retoma o ponto como início da costura a ser feita. O que vem a ser proposto necessita dessa ruptura, pois sob a ótica dessa historiografia dominante não há razão de ser. De outra forma, não há como conceber a política libertária da sexta parte sem desconstruir o que acredita serem mitos. “Dentre essas fábulas que se tornaram certezas admiráveis, a seguinte ideia: a filosofia nasce no século VII A.C., na Grécia, com alguns indivíduos denominados pré-socráticos. [...] Outra fábula: o nascimento branco, europeu, da filosofia” (ONFRAY, 2010, p. 3-4). Dois dos pontos mais básicos do discurso comum, no sentido de corriqueiro, afastados, assim, em poucas páginas,

com mais de uma centena porvir. Que profundidade de releitura se propõe... O livro é recheado dessas assertivas, sempre embasadas pelos parágrafos imediatamente seguintes. “Tudo isso contribui para a produção de um corpus primitivo que vai sendo moldado com vistas a introduzir uma ordem” (ONFRAY, 2010, p. 6). Quem escreve a história da filosofia, por que, sob quais princípios, com que finalidade? Essas são questões que surgem calcadas na evidência das fábulas citadas. Onde estão os amarelos, negros e mestiços? “O Logos cai do céu, milagre grego...” (ONFRAY, 2010, p. 5), ironiza com acuidade.

Tal historiografia dominante, segundo ele, “procede de um *a priori* platônico em virtude do qual o que precede do sensível é uma ficção. [...] Com base no princípio crístico, redige-se uma história da filosofia destinada a celebrar a religião da Ideia e do idealismo. Sócrates como messias, morto porque encarnava a revelação filosófica inteligível; Platão como apóstolo, se não como são Paulo da causa inteligível: a filosofia idealista, eis a religião revelada da Razão ocidental” (ONFRAY, 2010, p. 6-7). A todas essas questões, hoje, Michel Onfray combate em seus cursos abertos de filosofia, lecionados na Universidade Popular de Caen.

“Na Antiguidade, a contra-história da filosofia parece fácil; ela reúne todos os inimigos de Platão! Ou quase...” (ONFRAY, 2010, 10). De certa forma o autor elege seu próprio anti-herói, a figura central frente ao idealismo platônico, Epicuro e os frequentadores de seu Jardim, preocupados diretamente com a imanência. “Ora, é só isto que existe: o real, a matéria, a vida, o vivo. [...] O puro

projeto de existir... Projeto sempre atual” (ONFRAY, 2010, p. 11).

A desconstrução surge, portanto, como proposição. Criticar as Ideias que pairam acima dos seres, a serem alcançadas através do exercício da mente, “como se o texto pairasse no éter” (ONFRAY, 2010, p. 18), remete a alternar a via filosófica para enxergá-la a partir de sua antítese. “Filosofar é tornar viável e vivível sua própria existência quando nada é dado e tudo resta a construir” (ONFRAY, 2010, p. 18). Com isso, a vida do pensador passa a ocupar lugar central em sua produção literária e as ideias se corporificam. O projeto a partir da ideia epicuriana, acredita Onfray, é um projeto para a vida cotidiana, calcado nas preocupações mundanas, é uma filosofia utilitarista e pragmática, oposta à idealista e conceitual. “Somente a primeira permite o projeto existencial” (ONFRAY, 2010, p. 25). Nesse momento o autor realiza outro esforço necessário, ligada a própria proposta de uma via alternativa: a revisão de determinados conceitos. Materialista, utilitarista, pragmático, entre outros, são os conceitos que lembra ele serem comumente utilizados na sua derivação errônea, pejorativa, que persistiu ao longo da história. Realizar uma contra-história da filosofia é também realizar uma revisão conceitual. Materialista, a ideia de que o mundo é redutível a um simples arranjo de matéria. Utilitarista, como atingir a maior felicidade possível para o maior número de pessoas. Pragmatismo, a perspectiva relacional entre conhecimento e fim racional.

O utilitarismo pragmático que proponho remete ao consequencialismo

filosófico: não existem verdades absolutas, não existem bem, mal, verdadeiro, belo, justo em si, mas relativamente a um projeto claro e distinto. É o que, numa perspectiva própria – do hedonismo no caso -, possibilita avançar em direção ao projeto obtendo resultados jubilosos (ONFRAY, 2010, p. 27).

Assim, há outro termo a lidar e aclarar nessa jornada, o de hedonismo. De forma ampla o hedonismo acaba sendo entendido como uma proposta de um fim em si mesmo, sentir o que um indivíduo possa denominar como prazer, na maior quantidade e no maior período de tempo possível. Um projeto hedonista sério incluiria um adendo, de que isso deve ser feito na perspectiva do outro. No momento em que o prazer de um subjuga o prazer seguinte deixa de fazer sentido no contrato hedonista (o contrato feito diretamente entre os indivíduos e suas necessidades). Daí a ideia utilitarista, a felicidade isolada de uma pessoa frente à desolação alheia não é algo que possa ser denominado propriamente de felicidade. Frua e faça fruir sem fazer a si ou a ninguém, diz Onfray baseando-se em Chamfort.

O hedonismo fornece o tema, minhas diferentes obras, as variações. Assim, propus uma ética – *A escultura de si*; uma erótica – *Teoria do corpo amoroso*; uma política – *Política do rebelde*; - uma estética – *Arqueologia do presente*; uma epistemologia – *Espetáculos anatômicos*; uma metafísica – *Tratado de ateologia*. Donde: uma *moral estética*, uma *erótica solar*, uma *política libertária*, uma *estética cínica*, uma *bioética tecnófila* e um *ateísmo pós-moderno*,

condição de possibilidade do conjunto (ONFRAY, 2010, p. 29-30).

É através desses temas claros e objetivos que o autor vai costurando até a conclusão de seu livro. Repassando os aspectos importantes de cada proposta, onde ela se encaixa em relação as outras, como isso se reflete na vida de cada um e de seus semelhantes. Nesse sentido é interessante ver a construção de sociedade realizada pelo francês. Não é da doutrina que ele parte para realizar seu projeto, ao contrário, é através do seu projeto, um sistema alimentado da energia de cada reflexão, que ele chega a sua visão de mundo. Não é da proposta em criar uma sociedade libertária que ele define as variações temáticas de análise, mas é ao edificar esses temas que ele chega à postura libertária, de outra forma seu projeto hedonista não pode livremente existir. Ela é, por conseguinte, a conclusão e não o pré-suposto, “condição de possibilidade do conjunto”, como posto acima.

Antes precisamos produzir um Eu, e a todo o momento estamos fazendo isso, de fato. A questão é realizar esse projeto com um intuito consciente, como uma contínua “autoanálise existencial” (ONFRAY, 2010, p. 45). Somente na sadia relação consigo é possível conceber uma boa relação com o entorno, uma prática meditativa é ao que ele, sem usar o termo, convida. Todas essas propostas estão dirigidas para o propósito epicurista mais sensível, livrar a vida humana de sofrimento em sentido amplo, produzir ataraxias (momentos da única verdadeira felicidade, alcançados através das virtudes, dos amigos, da ausência de preocupações e dores). Todas as forças ficam assim alinhavadas,

pois na moral estabelecida pelo livre contrato entre os homens, inexistente a ação coercitiva de realizar algo com o qual não se concorda, acredita, gosta, enfim. Uma *ética eletiva*.

Façamos uma lista do que pode ocorrer de regozijante ou aborrecido, de prazenteiro ou desagradável, depois julgemos, pesemos, calculemos, antes de agir. Epicuro explica essa regra matemática: não concordar com um prazer aqui e agora se ele tiver de ser pago mais tarde com um desprazer. Renunciar a ele. Melhor: escolher um desprazer no ato, se ele levar mais tarde ao nascimento de um prazer. Evitar, portanto, o puro júbilo instantâneo. Porque fruição sem consciência nada mais é que ruína da alma. [...] Toda aritmética dos prazeres obriga a uma preocupação com o outro – a definição do núcleo duro de toda moral” (ONFRAY, 2010, p. 54-55).

Uma *estética cínica*, que propicie a libertação do consumismo ao levar uma vida despida da realização externa, em bens construídos e adquiridos. Uma *erótica solar* que possibilite a realização plena dos prazeres, que destitua a estrutura familiar pai-mãe-filho como núcleo fundante e que introduza a natalidade como algo lógico, em oposição a demanda cristã do ato sexual com o fim de proliferar e fecundar a terra. “É assim tão extraordinária, alegre, feliz, lúdica, desejável, fácil a vida para que a demos de presente aos filhos do homem?”, pergunta Onfray (2010, p. 69). A tecnologia deve estar presente para livrar o corpo da dor e das limitações físicas, uma eugenia positiva, proposta incluída dentro de uma *bioética prometeica*, destinada a produzir “nem sub-homens nem super-homens, mas simplesmente homens; ela

possibilita uma igualdade de acesso à humanidade, retifica as injustiças naturais e instaura o reino de uma equidade cultural” (ONFRAY, 2010, p. 110).

É através dessa longa malha que chegaremos ao ponto final, uma *política libertária*. Como marco histórico Onfray propõe olharmos para Maio de 68, com o intuito de rematá-lo, de levar adiante donde ele próprio parou, concluir o que permaneceu como potência, reorganizar o que resultou em sequelas... Onfray acredita na importância desse acontecimento pelo seu poder de destruir os valores e símbolos estabelecidos, a família, a escola, o escritório e a fábrica; a autoridade, a ordem, a hierarquia, a abolição do proibido. Tudo isso é citado de positivo, mas acredita que a ausência do que colocar no lugar acabou tendo resultados nefastos, alimentando o nihilismo contemporâneo, inclusive. Quem esteve lá descobriu “um dia, vendo tevê, que cara tinha a nossa época: a péssima cara do dia seguinte das festas” (ONFRAY, 2010, p. 136). No que consiste a revolução hoje, como está estruturado o mundo, que possibilidades de ação existem? Lembra Deleuze e

o devir revolucionário dos indivíduos. Entende o mundo, com o auxílio de Foucault, através de microfacismos. Desponta um gênio colérico a partir de Nietzsche. Enxerga, portanto, as possibilidades nas ações de microrresistências.

Onde quer que nos encontremos, produzamos o mundo a que aspiramos e evitemos este que rejeitamos. [...] Porque o objetivo, aqui como alhures, é sempre o mesmo: *criar ocasiões individuais ou comunitárias de ataraxia real e de serenidades efetivas* (grifo nosso; ONFRAY, 2010, p. 144).

Consciente das abrangências e limitações do que discute e propõe, Onfray não se intimida, admite. Sabe que são políticas de resistência, mínimas, contra um adversário mais forte, mas política ainda assim.

Referências bibliográficas

ONFRAY, Michel (2010): *A potência de existir – Manifesto hedonista*. São Paulo: Martins Fontes.